

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: MAURIZ, A.; CARVALHO, P. A coexistência no cotidiano. Entrevista. **VIRUS**, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=2&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

A coexistência no cotidiano

Adriano Mauriz, Paulo Carvalho

"Chegamos com um projeto de teatro e consolidamos um Centro Cultural." Ouvindo isso, algumas pessoas pensariam que os Pombas Urbanas, como gostam de ser chamados os integrantes desse grupo, são ou modestos, ou ingênuos. Nem um, nem outro. Os Pombas são pessoas completamente conscientes da abrangência do trabalho que realizam. É verdade que, às vezes, parecem surpresos ao perceber os bons resultados dos diferentes projetos que põem em prática, mas sabem perfeitamente que eles resultam de processos ricos e complexos, aos quais estão bastante atentos.

Formado em 1989 pelo diretor Lino Rojas com jovens de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, o grupo, hoje, é responsável pelo Centro Cultural Arte e Construção, em Cidade Tiradentes, também na zona leste paulistana. Oficialmente *Instituto Pombas Urbanas*, desenvolve diversas atividades, programas e ações culturais com comunidades de Cidade Tiradentes, no espaço transformado de um grande galpão abandonado que passou a ocupar em 2004. Os Pombas começaram em Cidade Tiradentes com Teatro. Hoje, suas atividades diárias envolvem, além do teatro, circo, dança, música, *graffiti*, rádio, letramento, telecentro, entre outros. O foco principal das atividades é, como dizem, o fortalecimento da identidade cultural das pessoas da comunidade, e a compreensão de suas necessidades e potencialidades para que possam ampliar suas capacidades humanas e solucionar problemas comuns de forma coletiva.

Parceiro do Nomads.usp em algumas pesquisas, o Pombas Urbanas é, assim, um grupo de pessoas que vivenciam, em seu cotidiano, coexistências diversas. Como atores, experimentam a existência simultânea de personagem e pessoa, de uma face pública e outra, particular, ocupando o mesmo espaço. Como executores de projetos culturais, sobrepõem ações culturais e comunidade, gestão local e gestões em instâncias públicas – estaduais e

federais, e ainda privadas. Como grupo de teatro vinculado à realidade da periferia paulistana, convivem com outras realidades, mais centrais, etc.. Eles vivenciam a noção de coexistência de muitas maneiras, variadas e simultâneas.

Conversamos por duas horas com o Pombas Urbanas em 16 de novembro de 2010, *via* MSN, sobre esses assuntos, e apresentamos aqui o registro dessa conversa. A VIRUS é imensamente grata aos Pombas pela entrevista.

VIRUS: Queríamos falar sobre as relações entre vocês e a comunidade, e sobre como vocês agem como indutores de várias coisas nesse meio. O fato de morarem no bairro ou em bairros vizinhos à Cidade Tiradentes influi nas relações entre vocês e a comunidade. Vocês poderiam comentar um pouco como isso acontece?

Pombas Urbanas: Sim, com certeza, estar no bairro muda tudo. O Pombas tem sua origem na periferia, em São Miguel Paulista, e por falta de espaço o grupo foi viver no centro de São Paulo. Quando encontramos o galpão¹, ele estava abandonado e discutimos a necessidade de irmos morar aqui. Percebemos que não era possível fazer esse projeto dar certo de onde estávamos, lá no centro. Era confortável, mas não era viável. Tínhamos as facilidades de quem mora no centro: teatros, oportunidades, trabalho, transporte, lazer... Mas não dava para tocar o projeto de lá. Decidimos morar aqui por ser uma opção coerente com a nossa história.

VIRUS: Que tipo de atividades vocês faziam com a comunidade nessa época? Basicamente teatro de rua?

Pombas Urbanas: O grupo sempre pesquisou linguagem, dramaturgia e formação de atores. As peças falam de São Paulo a partir da nossa poética periférica. Quando chegamos, 800 pessoas se inscreveram para os cursos, mais por curiosidade. De repente, tinha gente vestida como se fosse "primeira comunhão" em um espaço em ruínas! Muitas foram abandonando o curso. Dessa geração hoje seguem alguns jovens que formaram o grupo *Filhos da Dita* e são co-responsáveis pela gestão do CCAC (Centro Cultural Arte em Construção), junto com o Pombas.

VIRUS: Quando vocês dizem que não era viável 'tocar o projeto de lá', vocês se referem ao lado operacional ou aos resultados esperados em termos de vivências, por exemplo?

Pombas Urbanas: Ambos. Não tínhamos nada de recursos e, a princípio, começamos a tirar as toneladas de entulho com as mãos. Se não fosse essa atitude prática, o projeto não teria acontecido. Mas também têm os vínculos, o sentimento, as relações. A comunidade foi nos conduzindo, dando pistas do que era necessário fazer. Chegamos com um projeto de teatro e consolidamos um Centro Cultural.

VIRUS: Num primeiro momento, as influências de vocês na comunidade devem ter sido mais

¹ O galpão, na Avenida dos Metalúrgicos, 2.100, em Cidade Tiradentes, é a sede do Instituto Pombas Urbanas e abriga o Centro Cultural Arte em Construção. (www.pombasurbanas.org.br)

visíveis do que o contrário - ou seja, as influências da comunidade sobre vocês?

Pombas Urbanas: Nós saíamos para feira vestidos de personagens para estabelecer relações com a comunidade. As pessoas entendiam perfeitamente essa comunicação, parecida com a dos artistas populares do nordeste, os mamulengueiros²... Também apresentávamos cenas para as crianças. As pessoas não nos conheciam, mas perguntavam do Zimbo, dos bois,³ etc.. Também colocávamos o som atrás de um muro e criávamos personagens de rádio-novela. Para a comunidade, era um grupo de jovens meio malucos mas, de repente, os filhos e as avós estavam embarcando nessa loucura. Não demorou e jovens também embarcaram. Eles nos influenciavam com seus sonhos ao perguntar quando teriam música, livros, dança. A partir daí, vieram os projetos que a comunidade nos solicitou. Só não topávamos conseguir comida, porque o espaço não tem uma finalidade assistencial, e sim cultural. É isso que podemos oferecer.

VIRUS: Em certa medida, essa face pública que vocês usavam no contato com a população não funcionava como uma proteção para a face privada da vida de vocês? Os figurinos de bichos, etc....

Pombas Urbanas: Em um primeiro momento, nós nos preocupávamos em não estabelecer relações pessoais tão aprofundadas no sentido de nossa vida privada. Dos prédios, todos os olhos nos miravam.

VIRUS: Isso era um cuidado que vocês tomavam deliberadamente?

Pombas Urbanas: Não podíamos dar algum tipo de mau exemplo. Nós "brincávamos de monges" :-)

No começo, a subprefeitura nos perseguia, espalhando boatos de que aqui seria um restaurante popular *Bom Prato*⁴ (projeto de comida a R\$ 1,00). E nós fazíamos a contra-fofoca: dizíamos que se não fosse o teatro, seria uma *Fundação Casa*⁵. Claro que a comunidade preferia "as pombas"!

VIRUS: Vocês disseram que os jovens "influenciavam vocês com seus sonhos", mas em que sentido?

² "O mamulengueiro é geralmente um homem com grande capacidade para inventar histórias e improvisar situações com os bonecos, brincando com o público e fazendo críticas aos costumes sociais. Esse artista popular anda de povoado em povoado, levando e trazendo diversão e informações, despertando o espírito da alegria por onde passa".

SIMÕES, C. Breve passeio pela História do Mamulengo, **Revista Raiz**, 10 abr. 2008, Seção Figura. Disponível em: <http://revistaraz.uol.com.br/portal/index.php?Itemid=190&id=1105&option=com_content&task=view>. Acesso em: 03 dez. 2010.

³ Zimbo, personagem da peça *Todo Mundo tem Um Sonho*, espetáculo infantil, e os bois *Filé* e *Mignon*, personagens das peças *A Parceria que da Certo* e *Quadrúpedes Aquáticos*.

⁴ Projeto de restaurantes populares criado pelo Governo do Estado de São Paulo.

⁵ Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), instituição ligada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania de São Paulo, antiga FEBEM Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, para onde são encaminhados menores infratores.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – CASA. Disponível em: <<http://www.casa.sp.gov.br/site/paginas.php?sess=1>>. Acesso em: 03 dez. 2010.

Pombas Urbanas: Imagine um espaço de 1.600m em um lugar onde falta tudo... As pessoas perguntavam se aqui teria tudo que elas imaginavam. Nós passávamos o dia inteiro aqui disponíveis para ouvir e interagir com as pessoas. Especialmente nesse momento, apareciam as crianças e foram surgindo projetos. As brincadeiras passaram a ser oficinas de circo, o circo passou a ser letramento⁶, o letramento deu origem à biblioteca... E assim iam surgindo os projetos.

No primeiro ano, só havia recursos para o projeto "Da comunidade ao teatro, do teatro à Comunidade", pela lei de fomento⁷. Quando percebemos, havia uns 20 projetos em andamento financiados com só um recurso. Aí começamos a nos organizar em relação à gestão e captação.

VIRUS: A gente percebe que as ações no galpão se diversificaram muito nos últimos anos, e que hoje vocês oferecem diversos cursos e atividades à população; como isso funciona como fator de aproximação entre vocês e a comunidade? É um facilitador ou um complicador?

Pombas Urbanas: No ano passado, colocamos um livro de assinaturas na porta do galpão. No final do ano, a Néia, responsável pela biblioteca, e pelo livro, disse que circularam por aqui mais de 35.000 pessoas. O espaço foi sendo ocupado pela comunidade. Oferecer uma programação que interessa a ela é importante, mas também é importante o tipo de relação que se estabelece entre nós.

VIRUS: Sim, mas além dos termos quantitativos, vocês percebem mudanças qualitativas expressivas na comunidade a partir do contato com os cursos e atividades?

Pombas Urbanas: As pessoas ajudam a cuidar do espaço, propõem atividades. O espaço está habitado por filhos, amigos e parentes daqueles que são os artistas e também os gestores. O *Filhos da Dita* é o melhor exemplo. A Jéssica, que hoje administra os recursos do CCAC, era da turma de crianças, da qual já falamos. Os jovens escrevem e captam os projetos, fazem a comunicação, se apresentaram em Belém do Pará, na Colômbia, em Goiânia, e até no Instituto Itaú Cultural.

Além disso, também têm resultados em outros projetos, como a turma de *graffiti*, que se profissionalizou e recebeu alguns prêmios, ou a turma de circo, que já dá aulas para crianças, entre outros.

VIRUS: Quantas pessoas fazem hoje parte do Pombas Urbanas?

Pombas Urbanas: A equipe de base tem umas 30 pessoas: os veteranos, os estagiários e os bolsistas, além de voluntários e colaboradores de fora do bairro. A maioria dos professores dos cursos é daqui mesmo. A galera aprende e multiplica. Isso é constante.

⁶ Ação desenvolvida pelo grupo para estimular nas crianças o interesse por aprender, com rodas de leitura, a partir da constatação de que muitas que freqüentavam os cursos no Centro Cultural não eram ainda alfabetizadas, apesar da idade escolar avançada

⁷ Lei de Fomento ao Teatro de São Paulo (3º edital).

VIRUS: Essa multiplicação se faz dentro e fora do Pombas? Há uma inserção desse pessoal em outros projetos de outros lugares?

Pombas Urbanas: Mais ou menos. Hoje, essa galera tem ficado aqui mesmo. Mas também têm pessoas que passaram por aqui e, hoje, estão em outros projetos. Um exemplo é o Gabriel, que aprendeu técnica de iluminação, e depois trabalhou no SESC. Os que se identificam mais acabam ficando. Têm crianças que dizem que querem ser educadores, por exemplo. Mas também prestamos serviços para sindicatos e empresas: o grupo *Os Fuxiqueiros* tem se apresentado bastante, o *Maracatu* também. Enfim, esse ano foi de muito trabalho...

VIRUS: O Pombas tem um papel de articulador em diferentes níveis: entre comunidade, financiadores, agentes culturais públicos, institutos privados, pesquisadores acadêmicos, etc.. Como vocês avaliam esse processo e essas atividades, em termos de dificuldades, de valer a pena, etc.?

Pombas Urbanas: Nós só queremos fazer teatro! :-)

VIRUS: Sim, que é o que, no final, o que vocês menos fazem... ou não?

Pombas Urbanas: O Pombas é um grupo de teatro, que reflete suas origens, toma posição, participa, é cidadão. Sabemos que o CCAC se tornou um espaço importante no bairro e que nossa ação repercute fora daqui também. Mas esse projeto é da comunidade. Nós nos esforçamos para que ela crie, produza e administre sua produção cultural. Aí a gente vai poder aproveitar esse cantinho do mundo só para produzir arte... ou para fazer com que a comunidade esteja ainda mais presente em nossa arte, nossa poesia... Mas é a comunidade que deve estar à frente da gestão, preocupada com o desenvolvimento local, com seus problemas de saúde, de educação, etc..

VIRUS: Ou seja, a perspectiva seria de o Pombas e o CCAC se afastarem um pouco um do outro, no futuro? Como ficam, nesse caso, os aspectos de financiamento e gestão junto a órgãos públicos, por exemplo?

Pombas Urbanas: Ainda não sabemos. Mas o Pombas vai estar presente, embora o espaço seja aberto a todos. O Pombas é uma administração privada⁸, é o responsável legal pelo CCAC, etc.. Essa transferência para a comunidade ainda é difícil: sentimos que os jovens são comprometidos mas estão em formação. Com os mais velhos, é muito diferente, são 21 anos de grupo. Já não há dúvidas de que estar aqui fazendo teatro é o nosso projeto de vida.

VIRUS: Isso era, desde o início, uma estratégia ou só foi ficando claro ao longo dos anos, nesse processo de trabalho? Ou seja, desde o início vocês imaginavam se distanciar em certo momento ou não?

Pombas Urbanas: Quando chegamos, o Lino⁹ imaginava que essa formação se daria em uns

⁸ O *Instituto Pombas Urbanas* é uma OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público desde 2003.

⁹ Lino Rojas, diretor e dramaturgo peruano, fundador do grupo Pombas Urbanas em 1989, e seu diretor por 15 anos.

três anos. Sem a experiência dele, nós já levamos cinco e ainda não estamos satisfeitos. Muita coisa, quem nos ensina são as pessoas do bairro, não tem uma metodologia determinada. Estamos criando com eles as respostas de que precisamos.

VIRUS: Mas também o trabalho cresceu bem mais do que talvez o próprio Lino tenha imaginado, não?

Pombas Urbanas: Não sabemos, não. Muita coisa ele pensou com a gente. Eram muitas horas de conversa ouvindo o Lino, e ele imaginando e levando nossa imaginação. Nem entendíamos direito o que ele falava! Mas, quando ele se foi, descobrimos que esse conhecimento já estava em nós.

VIRUS: Nós queríamos voltar num ponto que já abordamos antes, sobre o trabalho que vocês desenvolvem como articuladores em diferentes níveis: entre comunidade, financiadores, agentes culturais públicos, institutos privados, pesquisadores acadêmicos, etc.. É claro que isso se faz a partir de um saber que foi sendo desenvolvido e acumulado ao longo do tempo. Vocês poderiam falar um pouco das experiências envolvidas nesse trabalho? Porque, em fim de contas, trata-se de viabilizar a coexistência de vários agentes, em diferentes níveis.

Pombas Urbanas: Quando chegamos, o Lino reforçou que era preciso "dialogar". Isso a partir da nossa prática. No galpão não havia paredes, mas tinha que rolar aulas. Ele dizia que as pessoas só iriam acreditar a partir de práticas visíveis. Todos nos viam como moleques. Então representávamos, às vezes, nos disfarçando de empresários, articuladores políticos, sabichões, arquitetos (!), mas o que as pessoas levam é nossa prática. É ver que a gente acredita mesmo nessa loucura. Mas também buscamos conhecimentos, procuramos aperfeiçoar nossa comunicação, a transparência nos projetos. Fazemos o planejamento das ações com todos (da cozinheira ao aluno interessado). Todos podem ajudar a criar e a realizar os projetos, sabem dos recursos. Tem gente que acha isso meio estranho, mas assim vamos construindo tudo coletivamente. E outros agentes externos, quando chegam, acabam fazendo parte também e percebem que essa construção não é em nosso benefício pessoal, mas sim coletivo.

VIRUS: Agora falando sobre outra esfera de relações, entre as comunidades de Cidade Tiradentes e o restante da cidade e, de várias maneiras, da sociedade, fica claro que o trabalho de vocês ajuda a comunidade a se reorganizar. Mas, como ela cria – ou não cria – laços com outras comunidades e outras classes sociais?

Pombas Urbanas: Ah, lembramos de uma história... No ano passado, um grupo de professores de uma escola estava buscando algo para propor à *SPTuris*¹⁰ como um ponto turístico da Tiradentes, e propuseram o teatro do CCAC. Cidade Tiradentes, um bairro que tem como símbolo turístico um teatro!!! Nessa mesma escola, os alunos tomaram como exemplo o jornal que fazemos para também fazer um jornal do bairro. Achamos legal que nossa presença ajude a produzir uma imagem diferente para o bairro. Agora, até os cobradores de ônibus

¹⁰ A São Paulo Turismo (SPTuris) é uma empresa de turismo e eventos da cidade de São Paulo, que busca promover a consolidação da cidade como destino turístico.

usam o galpão como referência de parada dos ônibus.

Por outro lado, esses dias descobriram um cemitério do PCC¹¹ por aqui. Só se falou disso. Numa novela da TV, em um episódio que tratava de um aborto, uma menina pegava o ônibus 'Cidade Tiradentes' para ir a uma clínica clandestina. Essa imagem negativa é muito forte. Imaginamos que, quando saímos do bairro produzindo arte com esses jovens, isso dá um nó na cabeça das pessoas.

VIRUS: E no sentido contrário? Vocês percebem alguma mudança de percepção das pessoas de Cidade Tiradentes em relação ao restante da cidade? A partir do trabalho com vocês, por exemplo?

Pombas Urbanas: Bastante. Hoje percebemos que as pessoas da rua que fica atrás do galpão vêm para a avenida arrumadinhas, as organizações do bairro estão buscando uma atitude mais organizada, projetos de desenvolvimento como os CEUs, as Fábricas de Cultura, o Centro Cultural da França... Isso faz as pessoas se sentirem mais fortes, habitarem um lugar com mais dignidade, afinal o bairro está melhorando... O bairro sempre teve a imagem de violento. As pessoas tinham muita vergonha de viver aqui. Hoje, tem um projeto de desenvolvimento em curso. A galera brinca que essa avenida é a Faria Lima¹² da Cidade Tiradentes. Agora, aqui tem até Casas Bahia!... (risos) As pessoas também daqui já são vistas como consumidores!!! (risos)

VIRUS: Nas primeiras vezes em que fomos aí, em 2006, nós lembramos de que várias pessoas do bairro tinham um sentimento muito forte contra pessoas de fora do bairro, uma visão que decorria da distância social entre eles e o restante da cidade. Vocês acham que isso tem se alterado?

Pombas Urbanas: Sim. Recentemente abriram na Jacu-Pêssego¹³ uma entrada para o rodoanel¹⁴. As pessoas estão sentindo mais parte da cidade. Ainda têm zonas com muita dificuldade aqui em Cidade Tiradentes, como a área do Barro Branco, por exemplo. É periferia da periferia. Passamos com um cortejo teatral por lá faz um ano. Perguntamos onde podíamos divulgar nosso trabalho para os jovens e um menino nos disse: "Divulga ali na faculdade". Era a *Fundação Casa de Ferraz de Vasconcelos*¹⁵, que dava para ver de lá. Não tem nada nesse lugar, só a Fundação Casa mesmo...

VIRUS: Mas além de ações de governo como o rodoanel e os CEUs, mas também a ampliação da renda e do acesso ao crédito da população, etc., vocês acham que as ações culturais têm um papel relevante nesse esforço, ou não tão grande?

Pombas Urbanas: Claro que sim. Esse espaço se tornou um espaço de convivência, de

¹¹ Primeiro Comando da Capital (PCC), organização criminosa paulista.

¹² Avenida importante da região mais rica da cidade.

¹³ Importante avenida da zona leste do município de São Paulo.

¹⁴ Eixo rodoviário que circunda a cidade de São Paulo.

¹⁵ Município vizinho a Cidade Tiradentes.

diálogo, de criação. Isso tem um impacto especialmente com as crianças e jovens. Por exemplo, acabamos de voltar da Colômbia. Lá, as comunidades fazem planos de desenvolvimento local, ouvem as crianças, os velhos, os adultos, e esses planos são entregues às pessoas que fazem os orçamentos participativos. Em todos os diagnósticos, o que as comunidades de lá mais anseiam são espaços de cultura.

V!RUS: Última pergunta!

Pombas Urbanas: Ok!

V!RUS: O futuro parece promissor?

Pombas Urbanas: vixi!!!

V!RUS: eheheh

Pombas Urbanas: Ganhamos um fomento para um projeto chamado Revoada, e no próximo ano vamos nos dedicar especialmente à pesquisa teatral. Convidamos dois professores, um daqui e outro de Cuba, e também um pesquisador musical. Vamos ver como transformamos essas histórias todas em teatro. E sobre o CCAC: autonomia, protagonismo e empoderamento! kkkk

V!RUS: A gente poderia incluir nessas três palavras uma quarta?

Pombas Urbanas: Qual?

V!RUS: Coexistência? Entre tantas realidades que vocês passaram a combinar e colocar em contato a partir das ações culturais?

Pombas Urbanas: Bacana! Tem um trecho do *Ventre de Lona*¹⁶ em que o coro dialoga com o público. Eles dizem assim:

"Nós aqui (no palco) e vocês aí? Ou nós aí e vocês aqui? Será que isso importa? Faz alguma diferença? O espetáculo nem começou. A luz ainda não desceu ao picadeiro. Nosso espetáculo só começa quando vocês chegam e nós chegamos, e termina quando vocês vão embora e nós nos vamos...".

V!RUS: Que bonito! Obrigadíssimo, em nome da V!RUS! Esperamos que o Nomads volte a ter intersecções com vocês num futuro próximo!

Pombas Urbanas: Sim, nós estamos esperando... Abraços a tod@s!!!

¹⁶ Peça teatral do grupo Pombas Urbanas.